

Relato de Experiência

Cheguei aos 60 – meu relato



Maria Eliza Henriques Silva

Nasci em Curitiba, de onde migrei para São Paulo com 30 anos, trazida pelo desejo de encontrar minha essência. Tinha de mim um rascunho que não conseguia passar a limpo e era preciso sair de onde estava, para operar o movimento interno. Era assim que eu sentia, com muita força.

Os meus amigos se opuseram. Como eu poderia deliberadamente trocar a tranquilidade de uma cidade pela violência da outra, naquela altura da vida abandonar a estabilidade de trabalho que havia conquistado, além, é claro, de me distanciar deles?

Estas não eram minhas dúvidas, estava certa da minha decisão. E aliadas a isto, as condições não poderiam ser melhores. Tinha meu carro, viria dividir apartamento perto do Parque Ibirapuera, com uma prima de mesma idade, com quem tinha (e tenho) bem

querer, intimidade e afinidades, para trabalhar em bairro vizinho, com ex-colega de trabalho com quem também tinha afinidade, e a distância poderia ser facilmente eliminada por 40 minutos de voo ou 5 horas de estrada. Queria sair, com todas as minhas forças. Vim e declaro que cumpri meu propósito, fiz o dever de casa.

Eu me chamo Maria Eliza Henriques Silva.

Aos 56 anos novo turbilhão, tão forte quanto o primeiro começou a se formar. Desta vez era a preocupação em encontrar uma atividade que me garantisse renda adicional, após a aposentadoria que estava próxima. Mas queria algo diferente do que fazia, um projeto original, para encher meu peito de orgulho e assegurar uma vida tranquila adiante. Conversando com uma outra moradora do prédio e amiga recente, durante uma reunião da comissão de obras da qual fazíamos parte, fui surpreendida por seu convite para visitá-la em Long Island, no estado de Nova Iorque, onde ela também residia uma parte do ano, o que aceitei logo depois. Pronto! O caminho para cumprir meu objetivo estava assegurado por um plano de negócios que foi firmado entre nós. Passados dois anos deste encontro e reunidas as condições básicas, demos entrada em um pedido de visto de trabalho e residência para mim, nos USA, patrocinado por ela como empregadora.

Novamente mudança no meu horizonte, e desta vez, de país! O que poderia ser mais excitante e glorioso? Desta vez, eu passei a ser festejada pela ousadia de mudar nesta altura da vida, celebrada pelo lugar escolhido, aplaudida pela excelente visão de negócios e assim chegavam estes e tantos outros louros que só me envaideciam e enchiam de satisfação. Vivi um longo período de preparação para minha nova mudança, fazendo cursos aqui e fora do Brasil. A projeção de mudança era para o ano em que completaria 61 anos.

Durante este tempo, quando estava perto dos meus 60 anos uma jovem no metrô, em nítido sinal de respeito à minha idade, ofereceu o seu assento. Agradei e aceitei. Chegando ao destino, comentei o fato com os colegas de classe e depois com amigos e familiares, em tom de chacota.

Passados alguns dias, li uma placa também no metrô, que dizia “idosos a partir de 60 anos ...” e pensei, essa sou eu? Respondi que oficialmente pelas leis brasileiras, sim, como quem não dá importância à pergunta nem muito menos à resposta.

Sem compreender, eu experimentava o que leria pouco tempo depois no livro indicado por minha psicóloga que me acompanha há mais de duas décadas, mulher admirável, fonte permanente de acolhimento, permissões e excelentes orientações bibliográficas. Assim diz Benoîte Groult, em sua obra, *Um toque na Estrela*:

... seja como for, é preciso admitir uma verdade perturbadora: somos velhos aos olhos dos outros bem antes de sê-lo aos nossos próprios olhos. (p. 27)



E eu, seguia em frente feliz, feliz.

Viajei constantemente, por três anos, sempre estudando, voltada ao projeto. Aproveitei a chance para fazer um passeio emocionante a Disney World e no Magic Kingdom, chorei lindamente quando vi o carrossel, porque já era de noite e ele estava lindamente iluminado. Estabeleci vínculos fortes com pessoas incríveis. Conheci uma moça da Malásia que me contou que as mulheres de lá cumprem até hoje, a quarentena pós parto, período no qual o contato com a criança se limita a amamentação e elas permanecem na cama, sem fazer qualquer esforço. Para coroar esta etapa, a imensa emoção de ter sido convidada, junto com um colega do Canadá, para fazer o discurso de formatura do meu Bacharelado em Podologia, no Caribe. Elaboramos um discurso leve e divertido que foi pronunciado em revezamento, como um jogral. Professores e colegas se divertiram e fomos muito aplaudidos. Este convite, entendi mais tarde, foi resultado das nossas altas performances nos quatro módulos que precederam a formatura. Foi lindo e eu chorei discretamente quando entrei na sala com os colegas, para receber o diploma. Era a etapa final de um investimento rumo ao sucesso que me aguardava.

Importante dizer que fiz tudo isso, contando com dois rendimentos – eu já estava aposentada mas continuava trabalhando em uma empresa multinacional e tinha muitos dias de saldo de férias. Daí vinham os fundos necessários para bancar os estudos e as viagens. O meu diretor que sabia do meu projeto, foi sensacional e em um mesmo ano, me liberou para três viagens.

Aqui preciso abrir um parêntesis importante. A minha amiga mais antiga se mudou para a Irlanda onde trabalha como cuidadora de idosos, ao mesmo tempo em que dei entrada no meu visto de imigração aos USA. Contar sobre esta amiga sempre me comove porque seu lugar na minha vida é vasto, como exemplo de coragem, independência e de amor.

Ela me apresentou os florais, a reflexologia, os mantras, a numerologia, a cabala, o tarô e os velhos. Beneficiadas por estes recursos eletrônicos maravilhosos de conversas por telefone com auxílio de imagem, temos nos visitado mais de uma ao dia, em algumas oportunidades. E ela ao me contar sobre suas experiências, instigou minha curiosidade. Comecei a dar mais atenção ao tema e a ela, porque estava também preocupada em alertá-la para que se cuidasse, para cuidar dos idosos com menos sofrimento. Eu notava sua dor e sua angústia mesmo porque estava ainda sem amigos, em país de cultura diferente, e vendo a finitude ao seu redor. O quadro era cruel – solidão e morte. E assim, essas nossas longas e constantes conversas sobre os velhos e seu comportamento, sem eu perceber, estavam desenhando uma nova rota para mim. Uma vez mais minha amiga querida, funcionando como um farol.

E eu seguia, feliz, feliz.



E chegou finalmente o momento final do processo, a entrevista no departamento de imigração do Consulado americano. Mas o entrevistador reteve meu processo, dizendo apenas que ele retornaria para melhor análise.

Neste ponto, a vida fez uma curva inesperada e me vi ainda aguardando pelo visto, com o desligamento da empresa na qual trabalhei por 20 anos já programado, com rendimentos reduzidos, meus amigos e família preocupados, evitando tocar no tema da mudança e meu projeto, tão sonhado, voando como uma pipa bem linda e grande lá no alto, presa por um fiozinho muito ralo ...

Voltei a morar no meu apartamento, que tinha sido alugado na iminência de ir embora, desfiz parcialmente as malas, pendurei as roupas no armário, redecorei a casa e me deparei com uma frustração funda e doída que chegava junto com a minha velhice. Não houve como fugir dela, a velhice, apesar da tentativa tão bem (?) elaborada. Mas eu ainda não tinha enxergado esta fuga embutida no meu projeto!

A minha apresentação oficial ao adjetivo **velho** como referência a indivíduos que no meu vocabulário daquele momento deveriam ser tratados por idosos, foi chocante e revoltante!

Era meu *debut* em um conhecido centro extra universitário, que oferece cursos livres, palestras e oficinas de estudo. Maria Celia de Abreu, psicóloga e doutora em Psicologia da Educação, autora de “Velhice uma nova paisagem” comentaria seu livro. Envaidecida, me sentei na primeira fila de cadeiras em uma plateia composta majoritariamente por mulheres, entre 50 e 80 anos.

Logo na primeira frase da sua apresentação teve início o meu martírio!

“Me chamo Maria Celia, **sou velha**, psicóloga, formada pela PUC SP, desempenho os papéis de esposa, mãe, avó ...” e por aí seguiu me deixando atônita, ou melhor catatônica, presa naqueles dois segundos do começo quando se qualificou **velha**.

Essa palavrinha atrevida permeou toda a conversa que Maria Celia teve conosco. Após virar de um lado para o outro na cadeira, alternando o ponto de apoio como se recebesse agulhadas toda vez que a palavra **velha** ou **velho** era pronunciada, e não foram poucas as vezes, levantei o braço pedindo para falar. Ela notou e de forma deliberada, deixou de atender. Baixei o braço para descansar os músculos. Voltei a carga e depois de transcorrido um tempo interminável para quem está em desconforto, fui atendida e pude finalmente, quase vociferando, soltar meu discurso para demonstrar cabalmente, de forma irremediável, que havia mordido a isca, tão bem lançada por ela.

Estou incomodada desde o início, sem lugar na cadeira como você dever ter notado, eu disse. Por que você se apresentou como **velha**? **Velho** é sinônimo de usado, ultrapassado, descartável, quase imprestável, **velha** pode ser a mesa que está ao lado da sua cadeira, e soltei a catilinária.

Para meu espanto, a eloquente defesa que fiz justificando a inadequação do adjetivo **velho** deixou de surtir o efeito que pensei. Nenhum dos presentes se alinhou comigo, mas pelo contrário, fui soterrada pelos apoiadores do vocábulo usado pela professora. Uma, apenas uma entre as inúmeras psicólogas presentes, acredito que por pura compaixão e temor de que eu desmoronasse, saiu em meu socorro dizendo que vinho velho também azeda, fazendo assim um contraponto à alegação de outra pessoa presente que tinha feito a analogia do vinho quanto mais velho melhor.

Naquela ocasião eu não tinha repertório e não havia virado a chave do meu preconceito.

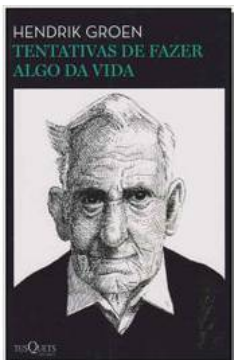
Profundamente contrariada, fui embora sem me despedir da palestrante perdendo assim a oportunidade de contar com seu autógrafo no livro que, decorridos significativos nove meses, comprei.

Primeiro e imediato prazer ao abri-lo foi encontrar letras bem grandes e redondas, bastante maiores que a média utilizada nos últimos livros que li. Dei uma risada muito gostosa e pensei, Maria Celia escreveu sobre a velhice para os velhos lerem!

A intenção não é, por certo, comentar a obra da Maria Celia nem tampouco tentar me redimir com a autora, que muito provavelmente não chegará a saber do quão bom foi, um tempo depois, visitar aquele episódio com novo olhar, em paz.

Virei a chave da fase adulta para a velhice com um impedimento que devo respeitar por força legal. O meu visto de turista aos USA foi cancelado até a decisão final sobre o visto de trabalho, cujo processo ainda corre. Acredito que esta sensação de travamento deva ser muito parecida com a que sentiu minha tia querida, com a qual morei por um tempo, quando pensávamos que o visto sairia em breve, e meu apartamento estava alugado. Em um fim de dia, ao chegar na casa dela, encontrei-a tentando alcançar enfeites natalinos que estavam guardados em um armário alto. Ela estava com os pés apoiados em dois móveis, um deles instável. Depois de ajudá-la a descer, pedi para conversarmos. Disse a ela que sim, que ela era capaz de subir até aquela altura, tanto assim que estava lá, mas que talvez não devesse, por precaução e que, se ela me pedisse eu poderia com

o auxílio de uma escada, pegar os objetos. Seriam duas situações novas para ela pensar a respeito – avaliar o posso, sou capaz, versus os riscos subjacentes e, uma vez concluindo que não deveria, ela precisaria usar o escasso recurso da paciência, para pedir e esperar por alguém que fizesse em seu lugar, algumas tarefas antes corriqueiras para ela. Foi uma conversa difícil para mim, mas sei que para minha tia ouvir, foi tanto quanto ou mais ainda. Comecei a me enxergar nesta situação. Como eu trabalharei minha tremenda impaciência, minhas urgências!



Passado o choque inicial da entrevista no Consulado, comecei a reorganizar a minha vida, sem a rotina do escritório e voltada para sala de podologia que já havia montado como plano B. Entrei naquela fase cujo relato costuma ser bastante parecido entre as pessoas quando param de trabalhar – reservei as manhãs para mim, abrindo agenda para clientes no período da tarde.

Comecei a cozinhar com regularidade e gostei do resultado.

Reorganizei meus gastos.

E sigo agora com os ajustes mais finos - estou ainda me entendendo com a velhice e reconhecendo como ela opera em mim. A necessidade de ser uma velha bem sucedida em outro lugar que não onde eu esteja, vem cedendo lugar a ser uma velha feliz onde estiver. E se meu visto de trabalho sair, verei o que quero fazer com ele que deixou de ser prioridade. Caso não saia, batalharei para reconquistar meu visto de turista.

Tenho procurado atender idosos com a Podologia. Na minha sala tenho clientes de todas as faixas etárias e faço home care para os velhos. Gosto dos velhos. Atendo um senhor de 92 anos, lúcido, que mora em uma Instituição de Longa Permanência (ILPI) onde é muito querido por todos e faz seu melhor para sentir-se em casa. Ele me lembra as personagens do livro de Hendrik Groen, Tentativas de fazer algo da vida, cuja leitura me encantou e encheu de esperança.

Procuro e espero mais transgressão na minha vida, um pouco mais de rebeldia.

*Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: “Proibido cantar”.
Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: “É proibido
brincar com os carrinhos porta-bagagem”.*

Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca.
Eduardo Galeano

Eu gosto muito de Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio (1940-2015), autor entre outros livros de Veias Abertas da América Latina e Livro dos Abraços.

Procuro e espero mais transgressão na minha vida, um pouco mais de rebeldia.

Referências

- ABREU, Maria Celia de. *Velhice: uma nova paisagem*. São Paulo: Ágora, 2017.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 12. Edição. São Paulo: L&PM, 1999.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. 7ª edição. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- GROEN, Hendrik. *Tentativas de fazer algo da vida*. Editora Planeta do Brasil, 2016.
- GROULT, Benoîte. *Um toque na estrela*. Record, 2008.

Data de recebimento: 15/06/2019; Data de aceite: 15/06/2019

Maria Eliza Henriques Silva - Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito de Curitiba. Técnica em Podologia pelo SENAC. Bacharel em Podologia pela International University of the Health Sciences – School of Medicine de St. Christopher and Nevis, em associação com NASP - North American School of Podology. Certificada como Master Pedicure pelo NASP – North American School of Podology (USA). Certificada para atendimento de pés em risco (At Risk podology) pelo NASP – North American School of Podology (Canadá). Voluntária de atendimento Podológico na ILPI Recanto das Vovós em Cotia, SP e na ILPI Pró Vida S. Sebastião, São Paulo, SP. Texto apresentado no curso *Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no primeiro semestre de 2019. E-mail: lilaetulila@gmail.com